

O PENSAMENTO ÚNICO OU A RAZÃO MITIFICADA: APONTAMENTOS SOBRE ADORNO E HORKHEIMER

Jorge Antonio Vieira*

RESUMO: O artigo analisa o conceito de iluminismo em Adorno e Horkheimer mostrando como o Iluminismo ou o esclarecimento propôs-se a superar o pensamento mitológico através do instrumental racional e criou a técnica como dominação da natureza. Mas, ao fazê-lo, transformou-se em mito: a razão esclarecida retorna ao pensamento único e não crítico. A razão instrumental não pensa a si mesma e como se analisa no texto se torna reificação do pensar. Apesar da crítica ao racionalismo iluminista, os autores mantêm a crença no poder educativo e formador do pensamento crítico.

PALAVRAS-CHAVE: Iluminismo, reificação, pensamento único, razão instrumental, sociedade planificada, pensamento mítico.

THE ONLY THOUGHT OR THE MYTHICAL REASON: PUT FOWARD ABOUT ADORNO AND HOKHEIMER

ABSTRACT: The article analyse the concept of Iluminism in Adorno and Hokheimer showing how the Iluminism or the explanation set out to overcome the mythological thought through the racional instrumental and created the technique like nature's domination. But, when made it, was transformed in myth: the enlighten reason return to the only thought and no critic. The instrumental reason do not thought itself and how analyse itself in the text become reification of the thought. In spite of the critic to the Iluminist Rationalize, the authors keep the belief in the educational power and maker of the critic thought.

KEY-WORDS: Iluminism; reification: only thought; instrumental reason; planified society; mythical thought.

INTRODUÇÃO

No prefácio da obra *Dialética do esclarecimento*, aparece uma pergunta que, apesar de ser feita em 1944, ainda permanece perfeitamente atual: “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está em uma nova espécie de barbárie?” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 11). De fato, esperava-se que com a civilização científica e com o triunfo do pensamento esclarecido (Iluminismo), isto é, o pensamento livre de mitos e superstições, a sociedade entraria em uma idade de ouro, livrando-se da barbárie própria da vida natural. No entanto, a situação da vida humana mostra que os sonhos do iluminismo eram apenas ilusões. Na sociedade atual, o pensamento crítico e emancipado está em regressão, pois se tornou pensamento único. Esta tese será comentada ao longo do artigo, e associada a ela a crítica de Adorno ao iluminismo.

A Regressão do Pensamento

O pensamento esclarecido está em regressão por causa da ausência da capacidade de julgar e discutir nos cidadãos que vivem na sociedade tecnológica e bem administrada. A busca de conhecimento crítico é abandonada e usa-se a razão exclusivamente para criar instrumentos e meios que garantam a conservação da vida; usa-se a razão (pensamento) para aprender, criar algo “útil”, economicamente compensador: saber é poder. Este é o triunfo do princípio de Spinoza (*Ética*, pars IV, propôs. XXII, coroll): “ser é conservar-se: o esforço para conserva-se a si mesmo é o primeiro e único funda-

mento da virtude.” Nos padrões da sociedade massificada, para conservar a vida vale qualquer sacrifício, inclusive o da própria consciência.

A sociedade contemporânea é inseparável da liberdade e do pensamento esclarecido. Contudo, a causa da regressão do pensamento que mantém as pessoas na minoridade intelectual está nesse mesmo pensamento esclarecido, o qual traz em si as sementes para a regressão que, hoje, está em toda parte e caracteriza um novo tipo de barbárie. Esta será uma tese de Adorno a ser comentada para então observarmos a atualidade de Adorno nesse ponto. O iluminismo criou a sociedade de massa e o pensamento massificado ou o pensamento único. Esta expressão significa que todos acabam, para se auto-conservarem, pensando da mesma forma (normatização do pensar) e tal forma é estabelecida segundo os padrões de uma inteligência tecnológica, econômica e pragmática.

A intuição de Adorno e Horkheimer no ensaio que abre o livro *Dialética do esclarecimento*, chamado “o conceito do iluminismo” é que o pensamento esclarecido recaiu na mitologia (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.15). Este é o problema a ser analisado neste artigo.

O Conceito de Esclarecimento e seu Eclipse

A palavra esclarecimento é aqui utilizada como sinônimo de iluminismo (*Aufklärung*), e significa no contexto de Adorno, o movimento da razão que pretende racionalizar o mundo, tornando-o manipulável pelo homem (REALE; ANTISERI, 1991, p.844).

* Mestre em Filosofia; Professor de Filosofia e Ética na UNIPAR

Analisando esta definição, pode-se perguntar o que significa racionalização do mundo. Na resposta a esta pergunta encontramos a própria meta do esclarecimento, isto é, desencantar o mundo, dissolver os mitos e substituir a imaginação e a fé pelo saber. Com esta desmistificação do mundo, o esclarecimento objetiva livrar os homens do medo e colocá-los na posição de senhores. De fato, a queda do mito deixa o mundo nas mãos do homem. Este é, na verdade o projeto de dominação da modernidade iniciado efetivamente pela revolução científica.

O homem dominado pelo pensamento mítico, isto é, não esclarecido, possui impedimentos para que aconteça o casamento entre entendimento e verdade. Francis Bacon, na aurora da modernidade, indicou estes empecilhos: credulidade, aversão à dúvida, temeridade no responder, vangloriar-se com o saber e ter conhecimentos parciais.

Para vencer estes impedimentos é necessário o saber, o conhecimento (“sapere aude”: ousar saber, lema iluminista). A superioridade do homem está no saber. O homem usando a sua razão vence a superstição, desencanta a natureza e a si mesmo, e transforma seu conhecimento em técnica. Por isso, saber é poder. O que interessa não é a verdade, mas o pensamento operativo, técnico e eficaz. Desde o seu início, a modernidade possui um projeto dominador, segundo Adorno, no que será seguido por Heidegger. Bacon indica o pensamento como um meio eficaz para dominar, a dominação das consciências: “só o pensamento que faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.40).

Observa-se na história da constituição da modernidade a vitória do esclarecimento sobre a mitologia. Porém, Adorno pensa que para triunfar, o esclarecimento produziu seus próprios mitos: o poder, a ciência, o positivismo, o capitalismo, a disciplina taylorista, a uniformidade comunista. Segundo Adorno (1985, p. 24), “o preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder”. A razão alienada é o resultado do iluminismo e a expressão desse fato é a sociedade unidimensional, totalmente administrada, sociedade sem oposição, na qual os conflitos e antagonismos foram dissimulados na identidade comum que a norma e o mercado estabelecem (MATOS, 1993, p.30).

Refletindo sobre como o projeto iluminista cria sua própria mitologia, Adorno descobre o princípio mitológico da necessidade fatal, a ordem natural do mercado e das consciências, a doutrina da igualdade como uniformidade e o princípio da imanência. Mas, o princípio primordial do esclarecimento é assegurar a conservação de si mesma pela adaptação, o que conduz à ratificação da idéia do destino: “nada de novo sob o sol”. Outra consequência da instauração da sociedade esclarecida é a indiferença que marca as relações sociais: a identidade de tudo com tudo, a mesma indiferença do mercado quanto a origem das pessoas que nele vêm trocar suas mercadorias.

A negação as diferenças conduz à necessidade da coletividade. Esta coletividade consiste na negação de cada indivíduo, formando, assim, o que se entende por massa. A massa nada mais é que a abstração das individualidades na sociedade que assim se torna planejada. Nenhum indivíduo fica de fora da unidade social. O “fora” dessa sociedade uni-

dimensional é o desconhecido, o que não segue a norma, o que pensa diferente, e este elemento é afastado, pois é fonte do medo e da angústia. Não podemos esquecer que Adorno está escrevendo em 1944, época em que as sociedades nazista, fascista comunista e capitalista estão se moldando e que, segundo ele, são todas sociedades que se dizem planejadas e esclarecidas.

O Pensamento único ou o Pensamento que não se pensa

Adorno prossegue sua crítica do iluminismo, agora abordando a questão da reificação do pensamento. Escreve Adorno (1985, p.37), “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ele próprio possa finalmente substituí-lo.”

O pensar reifica-se. O que significa esta reificação? Pode-se dizer que ocorre a reificação sempre que uma realidade social ou subjetiva, que é de natureza dinâmica e criativa, passa a apresentar características próprias das realidades inorgânicas, tais como fixidez, automatismo, passividade. Essas características fazem com que o que era dinâmico e criativo perca sua autonomia e autoconsciência. Assim, o pensamento reificado é o pensamento transformado em coisa, como algo fixo, imutável, passivo e automático.

Então, reificar é coisificar. Na sociedade esclarecida o pensar se transforma em instrumento (razão instrumental) das ciências positivas. A expressão “eu penso” passa a significar eu percebo, eu classifico, eu calculo. Nesse sentido, o “eu penso” se reduz a um puro formalismo fisiológico, numa atividade automática e passiva. Para a mentalidade científica o desinteresse do pensamento por assuntos materiais, fúteis e a transgressão da esfera natural (a meta-física) é desvario e autodestruição (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38).

Os autores prosseguem suas análises referindo-se a Kant. Segundo eles, Kant, com a obra *Crítica da Razão Pura*, banuiu o pensamento do território do justificável. Kant é um homem esclarecido. Para ele há grande diferença entre saber e pensar. O saber se restringe aos limites das condições de possibilidade do conhecimento científico. Já a razão é sonhadora por sua própria natureza: é desvario e transgressão, pois ultrapassa os limites marcados pelas condições transcendentais da experiência possível. Portanto, a constatação kantiana de que a razão tem sonhos.

A ciência sabe, e não sonha, isto é, não há nenhum ser no mundo que a ciência não possa penetrar, mas o ser não pode ser penetrado pela ciência. Esta proposição kantiana mostra a dominação universal da natureza, mas indica também, o que sobra do sujeito pensante: o “eu penso”. O “eu penso” para Kant é uma representação eternamente igual e que deve acompanhar todas as representações do sujeito. O pensamento se reduz a uma aparelhagem lógica, categorial, que deve ser usada para conhecer a natureza.

O que se perde com isso? Perde-se a capacidade reflexiva, isto é, compreender as coisas, fatos, situações não apenas como relações espaço-temporais abstratas, mas ao contrário, pensá-las como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam em seu sentido social, histórico e humano (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 39).

Em resumo, o pensamento esclarecido é um pensamento que não se pensa: “o esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento porque ela desviaria do imperativo de comandar a práxis” (ADORNO;

HORKHEIMER, 1985, p.37). O que se entende pela expressão “pensar o pensamento”? Entende-se a reflexão crítica sobre as condições do pensar em geral e sobre o conteúdo do que se pensa. Por isso, o pensar-se é ser auto-consciente. A sociedade massificada recusa esta exigência e a classifica como desvario. De fato, os produtos culturais da indústria da comunicação de massa não favorecem o pensamento crítico, mas reproduz o que é necessário à conservação da mesma sociedade planificada. Assim também, o conhecimento científico não pensa as condições sociais, históricas, lógicas de sua produção; do mesmo modo o operário não pensa as reais condições da economia planificada e o mecanismo social da alienação. Na sociedade bem administrada o indivíduo não se pensa. A razão é cega, pois não vê a si mesma, e isso é uma nova forma de barbárie. O homem se distingue dos animais pelo pensamento auto-consciente. E já sabemos os perigos que este tipo de racionalidade esclarecida representa para a humanidade.

CONCLUSÃO

Vivemos o Eclipse da Razão?

As análises de Adorno e Horkheimer convergem para o pessimismo geral em relação ao papel da razão na educação do homem e da organização da sociedade? Paradoxalmente, a resposta é não. Apesar deles se ligarem a filósofos críticos da ordem moral e social (Marquês de Sade e Nietzsche), e romperem com os ideais do racionalismo iluminista, ainda assim, eles manifestam a confiança no trabalho da razão e do pensamento. Esta é uma constatação de Habermas quando afirma que Adorno e Horkheimer se ligam aos “escritores negros da burguesia”, acima de tudo Marquês de Sade e Nietzsche, mas mantém a esperança no trabalho da razão, apesar de alguns filósofos contemporâneos não adotarem esta mesma confiança na razão e no conceito:

“A eles se prendem Horkheimer e Adorno na Dialética do iluminismo, o seu livro mais negro, para conceitualizarem o processo de autodestruição do iluminismo. Em conformidade com as suas análises, já não podiam depositar esperanças na sua força libertadora [do iluminismo]. Condu-

zidos pela esperança benjaminiana, tornada irônica, dos sem-esperança, não quiseram apesar de tudo abandonar o trabalho, tornado paradoxal, do conceito. Esta disposição de espírito, esta atitude, já não é a nossa” (HABERMAS, 1990, P.109).

A razão esclarecida perdeu sua luz que iluminava os projetos de dominação dos homens. A razão iluminista morreu. Mas parece que ainda não fomos ao seu funeral. Este paradoxo continua desafiando nossa análise do pensamento de Adorno e Horkheimer. Ainda esperamos na força emancipadora da razão, a não ser que voltemos a Nietzsche e nos aventuremos no abismo escuro, nas sombras que a falta de idéias nos traz. A razão cega caminha guiada pelas mãos de outrem, não é livre para ir onde quiser. A alternativa de Adorno e Horkheimer é que a razão tem olhos e que então olhe-se primeiro, isto é, use a reflexão como meio educativo para sair das sombras do iluminismo.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor et HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 4ª ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- MATOS, Olgária C. F. *A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.
- REALE, Giovanni et ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 1991.